

Maldição do templo do sacerdote



Francisco Alves Machado

Francisco Alves Machado

Maldição do Templo do Sacerdote

Francisco Alves Machado

**MALDIÇÃO DO TEMPLO DO
SACERDOTE**

**Resgate do Sentido Original da
Doutrina de Jesus**

1ª Edição

Edição do autor

Rio de Janeiro

2012

Francisco Alves Machado

© Francisco Alves Machado

Capa: Templos de sacerdotes

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

ISBN: 978-85-910864-5-0

Editoração: Francisco Alves Machado e Cássio
Augusto Rosa Machado

Contato:

fraalvmac17@hotmail.com

WWW.tribodossantos.com.br

WWW.tribodossantos.blogspot.com

Maldição do Templo do Sacerdote

“Foi-me dada uma vara semelhante a uma vara de agrimensor, e disseram-me: ‘Levanta-te! Mede o templo de Deus e o altar com seus adoradores. O átrio fora do templo, por é m, deixa-o de lado e não o meças: foi dado aos gentios, que hão de calcar aos pés a cidade santa por quarenta e dois meses. Mas incumbirei às minhas duas testemunhas, vestidas de saco, de profetizarem, por mil duzentos e sessenta dias” (Ap 11, 1-3).

OBRAS DO AUTOR

1. Teoria da História – Do grande mercado global pré-diluviano ao grande mercado global contemporâneo, 1ª ed., Machado, editor, Rio de Janeiro, 2010.
2. O Dilúvio – Na cronologia da realidade sócio-histórica pré e pós-diluviana interpretada pela cronologia da teoria da genealogia de Adão – LINHA DO TEMPO, 1ª ed., Machado, editor, Rio de Janeiro, 2010.
3. Os dois Períodos Intermediárias do Antigo Egito no contexto da expansão do grande mercado em tempo muito longo, 1ª Ed., Machado, editor, Rio de Janeiro, 2010.
4. Tribo dos Santos – O nascimento de Noé e a parousia na genealogia de Adão, 1ª Ed., Machado, editor, Rio de Janeiro, 2009.
5. O TEMPLO, 1ª Ed., Machado, editor, Rio de Janeiro, 20012

Sumário

INTRODUÇÃO / 11

1. SACERDOTES USURPARAM A DIREÇÃO DE MOISÉS SOBRE O TABERNÁCULO DE IAHWEH / 22

1.1. Maldição do templo-edifício originada na usurpação do tabernáculo por levitas e sacerdotes / 22

1.2. Moisés teria sido assassinado por sacerdotes? / 26

1.3. Da maldição do tabernáculo à do templo-edifício de Jerusalém, e até hoje / 30

2. TEMPLO-INDIVÍDUO VERUS TEMPLO-EDIFÍCIO / 34

2.1. “Definição da situação”, fissura, “interdição” e “estado de alienação por deslocamento espacial” / 34

2.2. Jesus amaldiçoa o templo-edifício e exalta o templo-indivíduo como casa de Deus / 37

2.2.1. A disputa pelo corpo de Moisés e o de Jesus: Judas Tadeu contra as infiltrações de Paulo o Anticristo nas comunas lideradas pelos Apóstolos / 39

2.2.2. Jesus amaldiçoa templo, culto e sacerdote, que cessarão no “fim da história” / 45

2.2.3. Judas Iscariotes e Pedro traíram o Filho de Deus / 49

2.2.4. Jesus exalta o corpo do indivíduo como templo de Deus / 54

2.3. Os objetivos do culto dirigido por sacerdote / 57

2.3.1. O golpe dos Salmos: exaltar o templo-edifício como casa de Deus, e leis inventadas pelos escribas / 59

2.4. Jesus negou ser o templo-edifício casa de Deus: principal motivo dos sacerdotes planejarem a morte dele / 63

2.4.1. Jesus indica o aposento reservado do indivíduo como próprio para contatar e orar a Deus, em oposição ao templo-edifício / 66

2.5. O indivíduo entre as duas grandes consciências coletivas: Luz *versus* Trevas / 68

2.5.1. A gênese e as características gerais do campo de força Luz / 73

2.6. A contra-revolução liderada por Paulo o Anticristo preparou a proliferação das construções de templos-edifícios pseudocrístãos / 77

2.6.1. Concílio de Nicéia: aliança maldita entre as elites políticas e econômicas do Império, e, os herdeiros do Anticristo / 85

Maldição do Templo do Sacerdote

3. PERÍODO PRÉ-EXÍLICO: AMÓS, OSÉIAS, MIQUÉIAS, ISAÍAS, SOFONIAS E JEREMIAS / 89

3.1. As críticas sociais dos grandes profetas individuais adequam-se ao mundo pós-moderno / 89

3.2. AMÓS / 91

3.3. OSÉIAS / 95

3.4. MIQUÉIAS / 99

3.5. ISAÍAS / 104

3.5.1. ISAÍAS no Brasil / 111

3.6. SOFONIAS no Brasil / 117

3.6.1. SOFONIAS em Judá 129

3.7. JEREMIAS / 134

3.7.1. Jeremias: críticas sociais; ética da responsabilidade pessoal; indivíduo como um conjunto complexo de conduta / 135

3.7.2. Jeremias: amaldiçoou o templo-edifício e o culto; Deuteronômio: livro falso / 141

3.7.3. “Tudo vai bem!” Quando tudo vai mal!: críticas de Jeremias aplicáveis às elites brasileiras portuguesas e seus aliados eugenistas / 148

4. PERÍODO EXÍLICO: EZEQUIEL / 151

4.1. Ezequiel / 151

4.2. Ezequiel: contra o templo-edifício; defesa da ética da responsabilidade individual; o filho do homem / 153

4.3. Ezequiel: o estado social da nação no contexto internacional / 166

4.3.1. Conversão em favor da fraternidade e justiça social: meio de salvar a nação da catástrofe que se anuncia / 168

4.4. Iahweh impõe-se como Deus dos Direitos Humanos através dos seus profetas / 171

5. PERÍODO PÓS-EXÍLICO: TRITO-ISAÍAS / 174

5.1. Trito-Isaías contra o templo-edifício / 174

5.2. Os sacerdotes “seqüestraram” e mantiveram Iahweh cativo no templo-edifício / 178

5.3. A picaretagem sacerdotal. A religião como um dos mais fortes mercados: o de dízimos e dádivas – Legislação permissível / 182

5.4. Sociedade utópica – Nova Jerusalém: concretização e características / 186

5.5. Os mecanismos de produção e administração da violência social operados pelas elites / 188

5.5.1. Alternância no poder entre as elites leonina e raposina: a “anestesia democrática” e os MPAVS / 192

Maldição do Templo do Sacerdote

5.5.2. *Produção cultural e violência show ao vivo* na moldagem da conduta violenta, nos quadros dos MPAVS / 196

5.5.3. Gladiadores do século XXI – Violência show ao vivo: o novo coliseu / 198

5.5.4. Fatores estruturais criados e operados pelas elites na moldagem das condutas “mocinho” (versus) “bandido” / 203

5.5.5. Meios *formais* (estratégia da proibição legal do tóxico) e *informais* empregados nos MPAVS / 209

5.5.6. As elites dos EUA e os mecanismos de produção e administração da violência social (MPAVS) / 214

CONCLUSÃO / 220

BIBLIOGRAFIA / 222

Introdução

A igreja no sentido de templo é uma coisa bizarra. Muita gente mesmo não sendo católica pode enaltecer e lembrar, saudosamente, da igreja da cidade do interior ou do bairro onde nascera. Alguns seguidores de outras religiões (diversas denominações protestantes, evangélicas, espíritas, judaicas, orientais, mulçumanas, hindus, etc.) podem ver, com desdém, as igrejas católicas, e vice-versa. Em todas as épocas e lugares, todos os templos-edifício de todas as religiões escondem, entretanto, algo de maligno, algo de monstruoso.

Deus enviara, nada mais, nada menos, que o seu Filho Primogênito, para demonstrar e combater o quê de maligno os sacerdotes escondem, nos templos-edifícios que constroem e administram, e dos quais se servem para se sustentar. O Filho de Deus combateu e ensinou aos indivíduos a razão pela qual, e como estes deveriam repudiar e se libertar tanto do templo-edifício como dos respectivos cultos, e dos sacerdotes que os inventaram e com eles operam. Porque estes vêem o templo-edifício como que uma “mina” de dízimos e ofertas, e utilizam-no como um “covil de

Maldição do Templo do Sacerdote

ladrões”, sempre mancomunados com as elites políticas e econômicas:

“Jesus entrou no templo e expulsou dali todos aqueles que se entregavam ao comércio. Derrubou as mesas dos cambistas e os bancos dos comerciantes de pombas e disse-lhes: está escrito: Minha casa é uma casa de oração, mas vós fizestes dela um **covil de ladrões** (o grifo é nosso)”. (Mt 21, 12-13).

O Filho de Deus amaldiçoou o templo-edifício que lhe era próximo, isto é, o de Jerusalém, apresentando-o à humanidade como uma *amostra* típica de antro satânico e de covil de ladrões. Ele é o Filho Unigênito de Deus, malgrado todo e qualquer tipo de sacerdote-serpente que discorde disto. Tal maldição aplica-se, portanto, a todo e qualquer templo-edifício, e em qualquer lugar onde o ideólogo-serpente (sacerdote, teólogo, etc.) opera com o maldito templo-edifício, para submeter ideologicamente e explorar economicamente as ovelhas.

No sentido indicado acima, o Jesus Histórico proclamou, em relação ao templo-edifício, o qual selecionou como amostra: *“não ficará aqui pedra sobre pedra; tudo será destruído”*. (Mt 24, 3-b). Depois de uma revolta desesperada insuflada por sacerdotes judeus, os romanos destruíram, em 70 d.C., Jerusalém, e nela, o templo-edifício dos sacerdotes. A partir da contra-revolução desencadeada por Paulo de Tarso o Anticristo, os

seus sucessores vêm construindo templos e mais templos pseudocrístãos. O Filho de Deus prometeu, entretanto, voltar. Caso o seu retorno ocorra, contemporaneamente, na sociedade globalizada, ele vai se deparar, entre outros males, com uma infinidade de templos, tanto pseudocrístãos como outros de religiões diversas. A questão é: ele amaldiçoará todos esses templos? Ele o fará, certamente. Quais as conseqüências disso?

Jesus comparou, claramente, de um lado, o templo-edifício, e do outro, o templo-indivíduo. Ele exaltou o templo-indivíduo e mostrou a sua conduta como exemplo, enquanto morada ou templo do Espírito de Deus, isto em detrimento e diametral oposição ao templo-edifício. Ou seja, Jesus exaltou o *corpo do indivíduo*, como único e exclusivo “lugar” possível de estabelecer sincronia com o Espírito de Deus. Indivíduo este concebido de modo integral, isto é, como um conjunto complexo de conduta. Assim, o Mestre ensinou que em qualquer época e lugar onde haja indivíduos, o templo-edifício não pode ser considerado como casa de Deus. Mas, em qualquer época e lugar, cada indivíduo pode se tornar habitado pelo Espírito de Deus, se a *conduta* desse indivíduo pautar por amor e justiça para com o próximo.

Maldição do Templo do Sacerdote

Os grandes profetas individuais precederam Jesus, e focalizaram o tema acima indicado, de modo análogo ao do Mestre. Esses profetas e o Filho de Deus apresentaram o templo-edifício de Jerusalém, como uma *amostra* de templo-edifício.

No primeiro capítulo, mostraremos que a maldição do templo-edifício de Jerusalém teve sua origem a partir da maldição, que já pesava sobre o Tabernáculo (“templo” móvel). No segundo capítulo, focalizaremos o Filho do Homem abordando o tema em apreço. No terceiro capítulo, mostraremos os grandes profetas individuais do período pré-exílicos da história do povo hebreu, tratando do tema em questão. No quarto capítulo, veremos Ezequiel, profeta este concebido como peculiar ao período exílico. Ezequiel também abordou o tema em tela. Por fim, mostraremos o Trito-Isaías tratando do mesmo assunto.

É oportuno lembrarmos, que estamos focalizando os profetas que precederam e prepararam as críticas, ou melhor, a revolução cultural de natureza igualitária e respectivas práticas empreendidas pelo Filho de Deus. Nesta direção, convém, também, focalizarmos alguns aspectos do contexto sócio-histórico, no qual o Filho de Deus amaldiçoou o templo-edifício.

Por um aspecto, tal revolução igualitária e pacifista radical fora empreendida pela *juventude oprimida*, a exemplo de Jesus e seus Apóstolos, e em prol da libertação dos indivíduos em geral. Pois, a velhacaria constituída de ideólogos hegemônicos (sacerdotes, escribas e sábios judeus) mantinha os indivíduos da massa popular como que “mortos” (alienados), submissos ideologicamente e explorados economicamente.

Do modo acima apontado e com tal objetivo econômico escuso, os ideólogos colaboravam e se aliavam às “elites políticas, jurídicas e econômicas”. Elites estas que os judeus chamavam de “anciãos do povo”. Os quais aparecem sempre aliados aos sacerdotes e escribas e contra Jesus (Cf. Mt 26, 47, 57; 27, 1, 3). Os ideólogos se aliavam tanto a esse segmento das elites (anciãos do povo) judaicas como às elites do grande império daquela época (Roma).

Por outro aspecto, a revolução desencadeada pelo Jesus Histórico e Filho Unigênito de Deus, fora concentrada contra a velhacaria ideológica (sacerdotes e escribas). Cujo objetivo imediato consistia em desmascará-la diante do povo.

O Mestre empregou, estrategicamente, a fraternidade e o pacifismo radical como meio de

Maldição do Templo do Sacerdote

aprimoramento individual e coletivo, mas também como meio estratégico de luta. Meio este único eficaz para neutralizar os *mecanismos de produção e administração da violência tanto “política” como “social”*, que o conjunto das elites no poder exerce como meios perversos de moldagem de conduta, controle e mobilização social.

A revolução cultural acima indicada tinha diversos outros objetivos estratégicos. Por um lado, ela visava produzir uma “crise de hegemonia”, no seio do “bloco histórico”. Isto é, a aliança entre as elites ideológicas (sacerdotes fariseus, saduceus, escribas e sábios) e político-econômicas (anciãos do povo) reunidos no Sinédrio, e a aliança entre estes e os interventores romanos. Com esse objetivo, o Mestre atuou no sentido de neutralizar, inicialmente, a dominação ideológica e econômica exercida pelo bloco ideológico judaico (a picaretagem sacerdotal e escriba) sobre as pessoas simples do povo.

João registrou, claramente, o desespero da picaretagem sacerdotal. Desespero este decorrente dela haver percebido que estavam diante de grave crise de hegemonia, e na iminência de ser substituída, pelos romanos, do poder e dos respectivos desfrutes. Pois, os ideólogos (sacerdotes, escribas) estavam perdendo, para

Jesus, os debates, e o controle ideológico sobre a nação. Neste sentido, João observou, claramente, e registrou:

“Depois os principais dos sacerdotes e os fariseus formaram conselho, e diziam: Que faremos? Porquanto este homem faz muitos sinais. Se o deixarmos assim, todos crerão nele, e virão os romanos, e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação”. (Jo 11, 47-48).

Por outro lado, o Mestre objetivou abrir uma brecha, através da crise de hegemonia, para incrementar uma revolução igualitária, fraternal e radicalmente pacifista. Revolução esta que partiria de Jerusalém, para as diversas nações subjugadas ao Império Romano, e mesmo para além dos limites deste império. A podridão sacerdotal planejou, exigiu e obteve a morte do Filho de Deus. Mas, as lideranças (genuínos Apóstolos) preparadas pelo Mestre, deram prosseguimento à revolução pela libertação dos indivíduos, e pelo igualitarismo, fraternidade e pacifismo radical. Revolução que o Mestre houvera desencadeado: a comuna de Jerusalém.

Os genuínos Apóstolos do Filho do Homem prosseguiram avançando com a revolução desencadeada pelo Jesus Histórico. Diante desse avanço, de um lado, a crise de hegemonia se acentuava, e do outro, a intervenção romana ameaçava tomar o poder das mãos dos sacerdotes.

Maldição do Templo do Sacerdote

Estes reagiram num desespero, que a história demonstrou ter sido suicida. Uma significativa parcela dos ideólogos resolvera empregar a estratégia, que consiste em eleger um inimigo externo, comum a todos os segmentos da nação, e guerreá-lo. Estratégia esta empregada com o objetivo principal de estreitar os laços sociais de controle, dominação e disciplina sobre os indivíduos da nação. O inimigo comum externo era, obviamente, Roma. Os referidos ideólogos insuflaram contra os romanos, a população em geral e em particular os segmentos insidiosos da nação, isto é, o grupo extremista separatistas de zelotes judeus e seus sicários. Os quais se indispunham contra os romanos e ao respectivo pagamento dos tributos.¹ Em 70, os romanos destruíram Jerusalém, o seu templo, e o povo judeus foi disperso.

É oportuno lembrarmos, ainda, que tanto o contexto social, político e econômico marcado por

¹. Vejamos um exemplo contemporâneo e bem próximo do tipo de estratégia voltada, prioritariamente, para o estreitamento dos laços de controle disciplinar sobre uma nação. O qual é empregado por elites no poder, quando estas percebem que estão perdendo o controle ideológico sobre a nação. A fratria leonina argentina sob a liderança da Junta Militar dera, em 1976, o golpe de Estado. Ela empregara, em 1982, o referido modelo de estratégia, insuflando a nação contra os ingleses, no evento da “Guerra das Malvinas”. Cujo objetivo principal tratava-se de estreitar a disciplina e o controle social. Diante da derrota e da crise econômico, a fratria leonina promoveu, em 1983, a antecipação da “alternância pacífica” (abertura política, diástole ou “anestesia democrática”, em favor da fratria raposina.

aviltantes corrupções e violências como os modelos das críticas desfechadas pelos profetas contra as elites hebraicas, encontram analogias no mundo moderno. O Brasil é um exemplo típico dessas analogias. Aqui, impera a grande e impiedosa concentração de riquezas nas mãos de poucos, conforme esclarece o embaixador Samuel Pinheiro Guimarães:²

“As desigualdades das rendas são proclamadas pelos institutos e agências nacionais e internacionais e o Brasil anualmente *conquista* as piores classificações em termos de concentração de renda. Os índices que medem a concentração de renda escondem a realidade das condições de vida da parcela da população que se encontra abaixo no nível de pobreza, em péssimas condições de alimentação, de saúde, de higiene, de habitação, de transporte, de segurança, e, na outra extremidade, o consumo faustoso, perdulário e conspícuo dos multimilionários, antigos e emergentes, que é descrito com tanto encanto nas colunas sociais e nas revistas especializadas”.

As “desigualdades das rendas” que Guimarães se refere são acompanhadas de corrupção aviltante, que está institucionalizada através da combinação diligente de *meios formais* (legislação permissível criada, intencionalmente, com essa finalidade) e *informais* (a prática da corrupção propriamente dita, o “jeitinho brasileiro”, a “política da troca de favores”, etc.). Berger cita o sociólogo americano Floyd Hunter, que concebeu a noção de “*estrutura*

². Guimarães, S. P. *Desafios brasileiros na era dos gigantes*, p. 18.

Maldição do Templo do Sacerdote

informal de poder". Esta estrutura informal constitui, segundo os termos de Berger:³

“Uma configuração de homens e poder que não se encontra descrita nos estatutos e que raramente aparece nos jornais (...) O sociólogo estará muito mais interessado em descobrir a maneira como poderosos interesses influenciam ou mesmo controlam as ações de autoridades eleitas segundo as leis. Esses interesses não serão encontrados na prefeitura, e sim nos escritórios de dirigentes de empresas que talvez nem mesmo se localizam nessa comunidade, nas mansões privadas de um punhado de homens poderosos, talvez nos escritórios de certos sindicatos trabalhistas ou até mesmo, em certos casos, nas sedes de organizações criminosas”.

Em razão das analogias acima aludidas, vamos mostrar, ao abordarmos os grandes profetas individuais, alguns aspectos dessas analogias, sempre que se fizer oportuno. Por exemplo, esses profetas notaram que suas elites hebraicas estavam irremediavelmente corrompidas, e concluíram: quando as elites de uma nação chegam, inclusive a magistratura, a um grave estágio de corrupção, somente a justiça de Iahweh, o Deus da justiça social é legítima e deve ser evocada. De modo análogo, quando a corrupção chega ao ponto aviltante em que chegou à nação brasileira, envolvendo todos os segmentos das elites hegemônicas, somente a justiça de Deus é legítima,

³ . Berger, Peter. *Perspectivas Sociológicas*, p. 42-43.

isto é, a justiça evocada pelo Deus Pai de Jesus e de todos nós. Ou seja, o Deus da justiça social, que os hebreus chamavam de Iahweh, o Altíssimo e Criador do céu e da terra, e que era caracterizado por defender os “órfãos e as viúvas”, Isto é, a massa dos que integravam, àquela época, os segmentos de trabalhadores pobres e oprimidos, e dos excedentes destes.

Vamos mostrar, também, as elites brasileiras portuguesa-descendentes e seus aliados eugenistas aplicando, analogamente, os mecanismos de produção e administração da violência social, como meio de moldagem de conduta, controle e mobilização social. Vimos que o Filho de Deus empregou o pacifismo ativo e radical, não somente voltado para o aprimoramento pessoal e o bom convívio social. Ele o empregou, ainda, como estratégia de luta voltada para a neutralização dos referidos mecanismos.